

INSTITUTO SANTO TOMÁS DE AQUINO

Curso de Filosofia

Agmar Roberto Ferreira

A CONSCIÊNCIA DA EXISTÊNCIA ATRAVÉS DO OUTRO:

um paralelo entre Gabriel Marcel e Sartre

Belo Horizonte

2013

Agmar Roberto Ferreira

**A CONSCIÊNCIA DA EXISTÊNCIA ATRAVÉS DO OUTRO:
um paralelo entre Gabriel Marcel e Sartre**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Márcio Eurípedes Gomide

Belo Horizonte

2013

F383c Ferreira, Agmar Roberto
A consciência da existência através do outro: um paralelo entre Gabriel Marcel e Sartre. /Agmar Roberto Ferreira. Belo Horizonte, 2013.
38f.

Orientador: Márcio Eurípedes Gomide
Monografia (Graduação) - Instituto Santo Tomás de Aquino, Curso de Filosofia, 2013.

1. Sartre. 2. Marcel. 3. Filosofia da existência. 4. Existencialismo.
6. Intersubjetividade. I. Gomide, Márcio Eurípedes. II. Instituto Santo Tomás de Aquino III. Título

CDU: 1(44)

Agmar Roberto Ferreira

**A CONSCIÊNCIA DA EXISTÊNCIA ATRAVÉS DO OUTRO:
um paralelo entre Gabriel Marcel e Sartre**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Márcio Eurípedes Gomide

Márcio Eurípedes Gomide (Orientador)

Belo Horizonte, 25 de novembro de 2013.

Caminhamos repletos de esperança tateando pela noite...

AGRADECIMENTOS

Ao retornar à academia, em 2012, depois de um tempo afastado dos estudos formais, iniciei o terceiro período do curso de Filosofia no ISTA, já que os primeiros períodos do curso foram cursados na PUC/MG. Retomando as atividades considerava o trabalho monográfico como uma grande preocupação, além disso, estava diante de muitos colegas já convictos de tema e filósofo a ser pesquisado, o que me gerava aflição porque ainda não tinha inspiração alguma.

Na turma na qual fui incluído reencontrei-me com um amigo de conversas maduras e de retórica à moda Pai Agostinho, Alexandre José de Castro. Por intermédio dele surgiram as primeiras inspirações para este trabalho. Foi ele que me apresentou Jean-Paul Sartre através de seus inquietantes questionamentos sobre a vida. Um dos livros que sempre levava nas mãos como leitura inicial era *A escolha de si como escolha do outro*, de Melo (2003). Durante todo este tempo foram inúmeras as prosas e cafés filosóficos discutindo a existência. Os primeiros artigos que muito me ajudaram vieram de suas mãos. Obrigado Alexandre!

Durante o quarto período, na disciplina de Metodologia da Pesquisa Filosófica do professor Carlos Donizett, na construção do Pré-Projeto, algumas investigações sobre o existencialismo sartreano me levaram a Gabriel Marcel. O autor foi para os colegas de classe e para o professor uma novidade. O nome Marcel ressoou muitas vezes nas aulas de Metodologia.

Foi nas férias de janeiro de 2013 que veio a idéia de fazer um paralelo entre Sartre e Marcel. Reconstruí o Pré-Projeto e no início de fevereiro apresentei para o orientador, Márcio Eurípedes Gomide, que aceitou o desafio. Agradeço as dicas e provocações, sobretudo a liberdade que me foi dada.

Agradeço, ainda, a participação e colaboração de meus confrades Frei Adenilton Reis Pereira Mendes, Frei Bruno Rocha Pereira Laviola, Frei Fernando Alves Rocha, Frei Humberto Fernando Leite e Frei José Roney de Freitas Machado. Obrigado pelas inúmeras conversas, pelo cuidado, preocupação, apoio nos trabalhos e provas e interesse pela pesquisa. Estavam sempre atentos a algum artigo ou novidade que pudesse me auxiliar nas pesquisas e, sobretudo pela convivência realmente fraterna. Não posso me esquecer do Frei Vicente Ronaldo que acompanhou minhas inquietudes e crises do primeiro momento. Ele cobrava disciplina nos estudos, planejamento nos horários e a árdua tarefa de *não perder o espírito de oração e devoção* tão recomendado por São Francisco de Assis aos irmãos estudantes. Recordo-me de seus preciosos conselhos

como o de subir na árvore e esperar que o dia amanhecesse já que era noite e a direção não era clara. Muito agradecido.

À Província Santa Cruz por proporcionar a conclusão do curso, ao Instituto Santo Tomás de Aquino, professores e funcionários. Agradeço.

Louvo ao Altíssimo e Glorioso Deus por minha família, que pouco compreende a minha ausência no convívio com eles, mas que se alegra e se orgulha com o término do curso. Enfim, pelas oportunidades concedidas a mim, agradeço.

“...o sempre surpreendente Guimarães Rosa dizia: ‘o animal satisfeito dorme’. Por detrás dessa aparente abriedade está um dos mais fundos alertas contra o risco de cairmos na monotonia existencial, na redundância afetiva e na indigência intelectual. O que o escritor tão bem percebeu é que a condição humana perde substância e energia vital toda vez que se sente plenamente confortável com a maneira como as coisas estão, rendendo-se à sedução do repouso e imobilizando-se na acomodação. A advertência é preciosa: não esquecer que a satisfação conclui, encerra, termina; a satisfação não deixa margem para a continuidade, para o prosseguimento, para a persistência, para o desdobramento. A satisfação acalma, limita, amortece...”

Mario Sergio Cortella

RESUMO

Este trabalho de pesquisa para a conclusão do curso de Filosofia tem como objetivo apresentar os aspectos centrais do impasse entre o racionalismo, o Ser como fundamento absoluto, e de outro lado a promoção de um saber que valoriza o sujeito em sua individualidade. Aborda-se uma retomada histórica de se pensar a existência dando ênfase para os filósofos Gabriel Marcel e Jean-Paul Sartre. Destacam-se as perspectivas da relação do *Eu* com o *Outro*, a questão da intersubjetividade. Sendo que os pensamentos dos autores estão ilustrados através da análise de seus escritos. No caso de Gabriel Marcel a conferência *Yo y el Otro* e em Sartre a obra *Entre Quatro Paredes*.

Palavras-chave: Sartre. Marcel. Filosofia da Existência. Existencialismo. Intersubjetividade.

RESUMEN

Este trabajo de investigación para la realización del curso de Filosofía tiene como objetivo presentar los principales aspectos del impase entre el racionalismo, el ser como fundamento absoluto, y por el otro la promoción del conocimiento sobre el tema que valora su individualidad. Abordase una retomada histórica de pensarse en la existencia destacando a los filósofos Gabriel Marcel y Jean-Paul Sartre. Cabe destacar las perspectivas de la relación del yo y el otro, la cuestión de la intersubjetividad. Puesto que los pensamientos de la autora se ilustran a través del análisis de sus escritos. En el caso de Gabriel Marcel *Yo y el Otro* de conferencias y la obra de Sartre *Entre Cuatro Paredes*.

Palabras clave: Sartre. Marcel. Filosofía de la Existencia. Existencialismo. La intersubjetividad.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A EXISTÊNCIA.....	14
2.1 A FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA.....	14
2.2 AS ORIGENS DO EXISTENCIALISMO.....	17
2.3 O EXISTENCIALISMO SARTREANO.....	19
2.4 A LIBERDADE.....	21
2.4.1 Ser livre segundo Gabriel Marcel.....	21
2.4.2 Sartre: “o homem é livre, o homem é liberdade”.....	22
3 AS RELAÇÕES CONCRETAS COM O OUTRO.....	25
3.1 O EU E O OUTRO EM GABRIEL MARCEL.....	25
3.2 O EU E O OUTRO EM SARTRE.....	27
4 HOMO VIATOR, YO Y EL OUTRO.....	28
5 ENTRE QUATRO PAREDES.....	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

A Modernidade tem como signo a *razão científica* onde só existe o que pode ser verificado cientificamente, ou seja, exige-se que a realidade seja provada pela razão para ser inquestionável, tudo traduzido em números. De nada vale a fé religiosa ou os sentidos. Há a valorização do indivíduo como o mais importante, o *Eu Pensante*. Com Descartes se instaura o *Cogito* como fundamento absoluto para o conhecimento e a partir daí as regras de toda relação é unilateral: *Eu*. Para ele o objeto é sempre submetido ao sujeito, e esse sujeito é o centro de tudo.

A Modernidade é um período fundamental para a compreensão de alguns dos problemas enfrentados pela reflexão da Contemporaneidade. O subjetivismo, a centralidade do eu, deixou marcas catastróficas que antecederam a segunda Guerra Mundial, ponto alto da redução do humano.

No processo de transição entre a Modernidade e a Contemporaneidade destaca-se uma *razão subjetiva*, instaurada por Kant, um processo de diferenciação ao demonstrar que a razão está ligada a um sujeito no mundo. Para ele a razão minimiza a possibilidade de sermos meras máquinas pensantes. Se o sujeito cartesiano é substancialmente diferente da realidade do mundo e Descartes tem dificuldade de fazê-lo conhecer o mundo exterior, em Kant, temos o conhecimento como algo que nasce da relação sujeito-objeto (e não de um dos pontos da relação). Com estas duas referências há a separação entre o *eu penso* e o *eu sou*. Podemos pensar a separação entre o mundo pensante e o mundo dos vínculos, do encontro. Portanto, defendemos o ser humano que não pode ser reduzido a um instrumento, por isso a discussão da relação entre os indivíduos. Aqui se instaura uma ambigüidade estrutural do homem, instancia pensante e ser de vínculos.

O século XX tem como signo a reflexão intersubjetiva. Quem é o *Outro*? Será possível ser sem o *Outro*? Essas perguntas envolvem várias áreas do conhecimento e intriga a muitos. A tarefa do relacionar-se é árdua e uma existência autêntica e consciente é busca incessante do homem no mundo.

Ser um existente, caminheiro neste mundo, é uma tarefa nada fácil. Existir implica escolhas, é sofrer e se alegrar, é se relacionar. A pesquisa sobre a relação interpessoal tem como ponto de partida a sociedade individualista, o ser humano em sua individualidade e a proposta de uma vida de comunidade, fraternidade, em comum. É compreender como se dá as relações do homem

que tem consciência do seu existir através do olhar do outro, pois, hoje, a sociedade individualista tende a nos educar para o individualismo, sinônimo de egoísmo.

As características do individualismo humano podem ser percebidas na exagerada posse de bens (o *ter* tem primazia sobre o *ser*), no poder e no prazer. Com isso as relações se tornam fechadas e o *Outro* não é percebido em sua individualidade com suas particularidades, e é muitas vezes desrespeitado.

O centro do trabalho é o *Eu* e o *Outro* que se enfrentam cotidianamente. Atualmente diversas pessoas buscam acompanhamento psicológico e uma evidência disto são padres que sempre comentam sobre a busca equivocada de confissão ao invés de uma orientação. Alguns casos são graves porque são causas psíquicas. Mas por que há tanta necessidade desse tipo de trabalho?

Duas necessidades básicas levam pessoas a procurarem algum tipo de ajuda profissional: é o autoconhecimento e a resolução de conflitos. Os Conflitos ganham mais destaque porque causam bastante angústia e ansiedade¹ (e todos os sintomas corpóreos que podem acompanhá-la) ou até mesmo depressão. Isto envolve todos os âmbitos da existência, seja nos relacionamentos pessoais (conflitos conjugais, problema com o pai ou com a mãe, com irmãos), seja nos problemas profissionais (dúvidas sobre carreira, infelicidade com atual situação profissional).

A busca de uma análise ou terapia é positiva, pois, demonstra que o sujeito busca um melhor conhecimento de si. Conhecer-se profundamente gera autoridade. O *Eu*, incessantemente busca conhecer e entender seus desejos e buscas que nenhum *Outro* poderá ter acesso. Os filósofos da tradição, Platão, por exemplo, veem o autoconhecimento como uma conquista que trás saúde e liberdade para o homem. Temos o conhecido *conhece-te a ti mesmo* dito pelo Oráculo de Delfos a Sócrates e que tanto o influenciou. O objetivo desse autoconhecimento, dentro do platonismo, não é senão ser um sujeito “melhor”. Dentro desta corrente de pensamento há uma valorização excessiva de um ideal, um homem que age valorizando apenas sua parte racional desprezando a inteireza do humano. Sócrates diz ter um controle total de si, um controle totalmente racional que é alvo de críticas.

¹ A Dra Hercília Anastasia Cardoso de Oliveira em seu artigo sobre a ansiedade, fala sobre as marcas da contemporaneidade: o excesso de estímulos e de informações, a infinitude das possibilidades e a exigência de que estejamos atentos e atualizados em tudo. A superficialidade dos conhecimentos e das relações é assim uma resultante. E a idéia de que não se deve conviver com mal-estar algum (como se isso fosse realmente possível) combinada à cultura do consumo e da facilidade de aquisição de resultados sem esforços nos torna cada vez mais frágeis e vulneráveis ao adoecimento e ao uso desenfreado de medicamentos. (OLIVEIRA, 2012).

O sujeito busca, na verdade, um aprimoramento a partir de seu todo, razão e instinto, Apolíneo e Dionisíaco conforme nos sugere Nietzsche (1844-1900). Uma pessoa que está bem consigo mesma conseguirá um melhor relacionar-se com o *Outro*, pois, respeitará o fato de que cada um é único e tem seu projeto pessoal.

Para pesquisar a questão do *Eu* e do *Outro*, dois filósofos com pensamentos relevantes em relação à existência. Primeiro Gabriel Marcel (1889-1973) que propõe “que eu me afirmo como pessoa na medida em que acredito na existência dos outros.” (MARCEL, 2005, p. 34). Em segundo Jean Paul Sartre (1905-1980) que quando diz "que o homem é responsável por si mesmo, não quer dizer que ele é responsável estritamente por sua individualidade, mas que é responsável por todos os homens.” (SARTRE, 2010, p. 26).

Buscaremos a partir dos problemas vitais do cotidiano, neste caso a relação do *Eu* com o *Outro*, que envolve o homem, peregrino no mundo, realizar um paralelo entre dois filósofos apontando pontos de convergência e divergência entre ambos.

No segundo capítulo faremos uma explanação sobre a existência do sujeito a partir de maneiras próprias de pensar o homem em sua concretude. Estudaremos um pouco da Filosofia da Existência a partir de Gabriel Marcel, veremos as origens do Existencialismo, destacando o pensador Kierkegaard, até chegarmos ao Existencialismo de Sartre. Ainda neste capítulo trataremos da questão da liberdade na perspectiva sartreana e marceliana.

No terceiro capítulo veremos como os autores percebem as relações concretas entre os sujeitos e no quarto e quinto capítulos, apresentar-se-á as relações entre o *Eu* e o *Outro* através da análise da conferência *Yo y el Otro* de Gabriel Marcel e obra de Sartre *Entre Quatro Paredes*.

2 A EXISTÊNCIA

Temos como cenário a Europa após a primeira Guerra Mundial, se expandindo principalmente até a segunda Guerra Mundial e o período que se segue. Momentos que retratam angústia e a dilaceração marcando a humanidade. Neste contexto os pensadores valorizam o homem singular, preocupando-se com sua existência e as possibilidades que o compreende.

Interpretar o homem e sua situação no mundo é algo complexo. O porquê de estar no mundo é pergunta antiquíssima e com inúmeras respostas. Como definir o sujeito, o existente? Por isso vários filósofos buscaram definir ou entender o que seria o estudo do existente. Em geral o princípio dos estudos é sempre a concretude do ser, nas suas formas mais singulares, ou seja, a subjetividade como caráter essencial da existência. Contra as ideias de redução do sujeito apenas abstratamente e a recusa de ideias de absoluto e universal, cultivadas tanto por Platão e Aristóteles quanto por Hegel, tratam a Filosofia da Existência e o Existencialismo.

2.1 A FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA

Como nos diz Urbano Zilles:

A Filosofia da Existência designa-se um grupo de filósofos ou um conjunto de filosofias que têm em comum o instrumento que se valem: a análise da existência, partindo de interrogações do homem em sua vida, atuação e decisões concretas. (ZILLES, 1995, p. 13).

Pode-se atestar que há muitos modos de filosofar sobre a existência sendo cada pensador comprometido e interessado com os problemas da existência. Um dos principais representantes da Filosofia da Existência é Gabriel Marcel, dramaturgo, músico e grande filósofo francês² do século XX. Nasceu em Paris em 07 de dezembro de 1889.

Marcel parte do homem, existência encarnada na realidade, envolvido de experiências e vivências profundas. Sua filosofia é baseada nestas experiências concretas do cotidiano da vida, sendo que a primeira experiência do sujeito é a certeza do seu existir - *eu existo*, é a partir desse ponto e não do ser em geral e muito menos do *Cogito* que o homem se revela. Antes de tudo,

² Cabe lembrar que a França na primeira metade do século XX passou por fortes transformações. A França foi duramente “castigada” no período da segunda guerra mundial, o que certamente influenciou a filosofia existencialista francesa

como uma experiência corporal, *sou meu corpo*³ (o pensamento de Marcel se distingue ao dar atenção à corporeidade). Por isso, dizer *sou meu corpo* é bem diferente de dizer *tenho um corpo*. A primeira afirmativa abre à possibilidade da alteridade e da transcendência, pois, não se trata do corpo biológico, mas sim o corpo da experiência vivida. Muitos dos artigos de Marcel foram escritos durante a ocupação nazista na França o que o levou a escrever sobre a esperança de uma futura libertação. É considerado um filósofo que reflete a realidade humana num contexto histórico-filosófico. No contexto de sofrimento e mortes, Marcel percebe que as filosofias que se prendem a sistemas lógicos e científicos não atingem o sujeito empírico, singular. Um pouco da experiência de Marcel é constatada na afirmação abaixo:

Lá década de los 40, en la que se enmarcan la práctica totalidad de estos artículos, está marcada por la muerte de una tía Marquerita, su madrina, la cual se había casado con su padre después de la muerte de su madre. Son momentos en los que los Marcel adquieren una nueva casa en Corrèze, que servirá incluso de refugio para familiares perseguidos en Paris o en Lyon. Como el mismo señala, se tratar de un período en el que empieza a vivir soñando, a recobrar la alegría, la esperanza. (ALCORLO, 2005, p. 11).

A filosofia de Marcel tem um caráter itinerante, para ele a vida é como se fosse uma viagem, melhor, para ele “*la vida se reduce a un viaje*”. O homem, então, é um viajante, um ser itinerante, ou seja, se encontra em contínuo movimento. A “peregrinação” é um modo de vida, um jeito de enfrentar os problemas, de responder às inquietações do existir. Ele afirma categoricamente que mesmo traçando objetivos, planos, para uma viagem ela não se torna mais ou menos fácil, é caminho a ser percorrido com tudo o que pode ser apresentado, com todos os imprevistos. Segundo Marcel (2005), tudo se desenvolve a partir da conjunção de dois tipos de experiência: a da vida e da dificuldade de viver. E a partir disso todos os nossos questionamentos afloram e seguem-se interrogações que fazem parte de nossa condição humana que tem como peculiaridade a reflexão.

Cabe ressaltar que a existência, para Marcel, tem uma dimensão sagrada porque ele procura dar uma resposta a um tempo onde à vida, o homem, a existência, são tratados com o máximo desdém. “*Así pues, estamos ante un amante de las cosas humanas em general.*” (ALCORLO, 2005, p. 11).

³ Conforme José André de Azevedo em seu artigo; por corpo deve-se entender não tanto a matéria extensa e visível, mas a intimidade-concreção do eu, isto é, a encarnação ou individualização do existir. (AZEVEDO, 2010).

Aos quarenta anos, em 1929, Marcel se converteu ao catolicismo e recebeu o batismo. Além dos amigos filósofos teve uma grande amizade com um padre Jesuíta, Fessard, com quem trocava correspondências. Em uma delas Fessard “*muestra que Marcel tendrá que superar, mucho después de su conversión, um período de confusión existencial y religiosa.*” (COLIN, 2005, 316).

Por Marcel ter tido uma experiência religiosa e trazer em seu pensamento o interesse e o valor sagrado da vida faz com que sua filosofia se distinga e seja caracterizado por Sartre como Existencialista Cristão. O Existencialismo é um termo intimamente ligado a Sartre que faz esclarecimentos sobre o que seria. Ele afirma:

O termo assumiu hoje tal amplitude que já perdeu todo seu significado. Parece que, na falta de uma doutrina de vanguarda análoga ao surrealismo, as pessoas ávidas de escândalo e de agitação acorrem a essa filosofia que, no entanto, não tem nada a lhes oferecer nesse campo; na realidade, esta é a menos escandalosa das doutrinas, e a mais austera; ela se destina estritamente aos técnicos e filósofos. No entanto ela pode ser definida facilmente. O que torna as coisas complicadas é que existem duas espécies de existencialistas: os primeiros, que são cristãos, e entre os quais eu listaria Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica; e por outro lado, os existencialistas ateus, entre os quais é preciso colocar Heidegger, e também os existencialistas franceses e eu próprio. (SARTRE, 2010, p. 22-23).

Marcel é um precursor entre os autores contemporâneos que escreveram sobre temas existencialistas. Segundo Giovanni Reale (2006, p. 235) as primeiras anotações de sua obra *Jornal Metafísico* publicado em 1927, remonta o ano de 1914. Já Urbano Zilles cita um artigo publicado em 1925 com o título *Existence et Objectivité*, no qual acentua a importância da existência e da encarnação frente ao idealismo.

A vida intelectual de Marcel foi muito ativa, viagens de estudos, crítica literária e artística e investigações filosóficas. Suas obras são marcadas pela originalidade. Escreve em modo de conferências e lições, sempre direcionadas a um sujeito concreto. Eis alguns de seus legados: peças teatrais (Um Homem de Deus, 1922; Mundo Partido, 1932; Roma não está mais em Roma, 1951), e algumas obras filosóficas de destaque: *Journal Métaphysique*, 1927, escreve sua trajetória filosófica de 1913 a 1923; *Ser y Tener*, 1933, aborda a diferença entre pesquisa científica e pesquisa filosófica; *Du Réfuns à Invocation*, 1939, trata da “metafísica da interioridade”; *Homo Viator*, 1944, o homem itinerante que reflete o sentido da vida; e outras. A tradução de suas obras para o português quase não existe.

A filosofia marceliana é existencial, porém entrelaçada ao tradicional porque é uma espécie de junção de existência e transcendência. Porém, não se encontra arraigada na Filosofia Clássica como a de Platão, Descartes e Hegel, ou seja, a procura de uma *essência* ou verdade universal, como também uma concepção racional do mundo.

Quando dizemos transcendência, em Marcel, falamos também de Deus e ao falarmos de Deus temos uma observação de Zilles (1995, p. 37) quanto a isto ao dizer que, para Marcel, Deus não é um problema ou objeto fora de nós, Ele, pertence ao mundo da experiência humana. *Pode-mos falar de Deus a partir da experiência, sem defini-lo e dissecá-lo racionalmente.* A julgar pelo pensamento religioso e levando em consideração a experiência religiosa de Marcel, pode-se observar uma aproximação ao pensamento kierkegaardiano (embora vários autores afirmem que ele nada leu de Kierkegaard), porém, Marcel aceita mais a questão do mundo, do contato pessoal entre as pessoas, sujeito engajado, compromissado e menos interiorano buscando apenas um salto para o absoluto Deus.

Enfim, a filosofia de Marcel busca uma reflexão da experiência vivida e ao ser perguntado se aceitaria algum *ismo* para classificar seus escritos, ele disse:

Es evidente que el pensamiento expressado aqui se orienta deliberadamente contra cualquier *ismo*, sea el que sea. Pero, em fin, si fuera necesario resignarse a cualquier precio a buscar una etiqueta, seria neosocratismo o socratismo Cristiano. (MARCEL, 2002, p. 11)

2.2 AS ORIGENS DO EXISTENCIALISMO

Já no século XIX há o interesse dos pensadores pelas questões do homem. Uma das inspirações do Existencialismo deve ser buscada em Kierkegaard (1813-1855). Para ele são sinônimos ser sujeito e existir, e afirma com todas as forças que a existência não é susceptível de teoria e o mais importante seria olhar para a realidade concreta que é a raiz de todo o Existencialismo Moderno.

Kierkegaard leva o radicalismo da sua oposição ao rejeitar, não somente o racionalismo hegeliano, mas ainda qualquer sistema seja ele qual for. Um sistema, escreve, promete tudo, sem poder dar absolutamente nada. (JOLIVET, 1957, p. 41).

De acordo com Kierkegaard, diante da vida há várias opções possíveis, o que é, portanto, incompatível com as vias lógicas que de acordo com Hegel caem todos os fatos e também as ações humanas, onde tudo o que existe, por mais absurdo que seja tem uma explicação racional. Kierkegaard afirma categoricamente que essa sistematização lógica para a existência era impossível. Já que a existência é sempre incompleta, o sujeito como *ente* no mundo está inacabado, está se modificando constantemente e por isso a sistematização lógica não se adequa ao indivíduo que busca se tornar um sujeito. No sistema hegeliano não há espaço para o homem concreto e diante da lógica racional, do ideal universal de homem, Kierkegaard exalta o valor do individual.

Kierkegaard pretende mostrar que o racionalismo trabalha apenas com conceitos, com o que não é susceptível a erros ou imprevistos. No caso do sujeito humano, tem-se a questão da vontade que intervém e nem sempre de forma racional. Entra a questão dos desejos, das escolhas e outras mais. Nestes casos as coisas não são tão simples, abre-se a questão da opção que também é sinônimo de existência. Daí surge a teoria sobre a angústia, onde a liberdade de poder escolher gera no sujeito uma vivência de angústias.

No caso de Kierkegaard esse processo de angústia é causado pelo *pecado original*; melhor, a angústia, para ele, é estrutural no homem e propõe que seja inseparável ao *pecado original*. A vida seria para ele um problema a resolver, mesmo que os homens não pensem ou não acreditem no *pecado original*. Procede do *pecado original* a angústia que tem um fim numa suposta salvação divina. Todos os problemas teriam solução na transcendência cristã. Portanto, não se trata aqui de qualquer angústia, popularmente conhecida como sentimento, gerada a partir de situações angustiantes, porém uma *Angústia*, coisa mais profunda, existencial. A existência passa a ser algo pesado.

Este pensador teve influência do cristianismo, mais precisamente o cristianismo luterano⁴ que exerceu relevância em todo seu pensamento. No Cristianismo, segundo ele, é possível um existencialismo coerente, fiel a todos as exigências de um existir autêntico. No fundo Kierkegaard, apresentou um método de vida e uma doutrina filosófica, pois o indivíduo teria seu existir à luz

⁴ Segundo João E. Martins Terra em seu artigo, o ambiente original, no qual teve início e desenvolveu-se o existencialismo, é caracterizado pela teologia protestante, particularmente pelo luteranismo. O pecado conforme a teologia luterana é um ato de soberba da razão que corrompe irremediavelmente a natureza humana. Há um abismo intransponível entre Deus e o homem. O homem servo do pecado nada pode fazer para sua salvação; tudo o que faz é pecado: ruptura entre o divino e o humano, entre a graça e a liberdade, a fé e a razão. Por isso a teologia protestante é a teologia da fratura irreparável. Existencialismo teológico aceita esta instância; o existencialismo não-teológico laiciza a Lutero e faz da fratura a essência do humano enquanto tal. O nada do homem perante Deus em Lutero é o ser-para-o-nada em Heidegger. (TERRA, 1972).

do ideal cristão. Mas vale retomarmos a afirmação de que a Filosofia Existencial parte sempre do indivíduo, que é a própria realidade.

Apesar do foco religioso, ataca o luteranismo sendo intolerante aos desvios do propósito cristão. “Intolerante com a hipocrisia, Kiekegaard criticava aos que fingiam espiritualidade enquanto agiam segundo interesses pessoais. Considerava tais pessoas um produto da cultura cristã: o indivíduo cauteloso, respeitável, um cavalheiro da classe média. E sentiu-se chamado por Deus para a tarefa especial de mostrar aos seus concidadãos a verdadeira natureza cristã. O cristianismo deve ter por fundamento a vontade livre, sem a qual tudo perde o sentido.” (FUENTES REQUENA, 2013, p. 28).

Com isto o filósofo, estava cobrando uma vida autenticamente cristã: uma vida de renúncias e, até mesmo, de sofrimentos, à luz de Jesus Cristo. Se Cristo sofreu, o cristão verdadeiro deveria sofrer também, ou seja, para identificar um cristão autêntico bastaria verificar se sua existência passava por um processo de sofrimento. Não há meio termo para Kierkegaard, ou seja, ou se é cristão verdadeiro ou não é.

Outro grande contribuinte do existencialismo moderno foi Nietzsche (1844-1900), “embora na obra nietzschiana não se encontre enunciada qualquer teoria existencialista. (JOLIVET, 1957, p. 67). Para este pensador alemão, nós, seres humanos, somos primeiramente natureza, instintos, sensibilidade. Seu pensamento também discorda da cultura racional que reduz o humano a sua própria razão.

2.3 O EXISTENCIALISMO SARTREANO

O termo Existencialismo ganha grande força com Sartre nascido em Paris no dia 21 de julho de 1905. Uma característica marcante dessa corrente é a afirmação de que a existência precede a essência, muito acentuada por ele. Na tradição religiosa nascemos com uma essência, uma natureza, um caminho a ser percorrido com o fim em Deus, mas Sartre não acredita que haja algo maior, fora de nós, que nos conduza e oriente. Para ele o indivíduo não nasce com uma determinação ele é o seu próprio fazer-se. Diferentemente de um animal que está pronto, nós somos uma construção, ou seja, não há qualquer possibilidade de um *a priori* na condição humana. O homem simplesmente está jogado no mundo.

O homem não possui uma natureza dada previamente, nada que seja responsável por sua existência, nada onde se agarrar. Sartre desafia, a partir do absurdo que é a existência, encontrar uma razão para ela, ou seja não há sentido a ser encontrado além do significado que dou a ela. O Deus religioso, que faz a vida ter sentido para os que creem, segundo Sartre, priva-nos de ser livres, nos regula e de certa forma com um olhar invisível nos controla. Há um caso engraçado dessa relação vivida na infância e relatada por Sartre conforme citação a seguir:

Durante muitos anos ainda entretive relações públicas com o Todo-Poderoso; na intimidade, deixei de frequentá-lo. Uma só vez experimentei a sensação de que Ele existia. Eu brincava com fósforos e queimara um pequeno tapete; estava dissimulando meu crime, quando de súbito Deus me viu, senti Seu olhar dentro de minha cabeça e sobre minhas mãos; eu rodopiava pelo banheiro horrivelmente visível, um alvo vivo. A indignação me salvou: enfureci-me contra tão grosseira indiscricção, blasfemei, murmurei como meu avô: “Maldito nome de Deus, nome de Deus, nome de Deus”. Nunca mais ele me contemplou. (MACIEL, 1986, p. 21-22)

O homem abandonado no mundo é o primeiro responsável, o absoluto no seu processo de construção. Já que é puramente existência no mundo é também completamente livre para dar sentido a sua vida e as coisas que estão ao seu redor.

Estamos diante da experiência puramente subjetiva do indivíduo. Sartre faz sinônimo o existir e ter a consciência do existir. Como na visão sartreana não há um artífice criador que prepara e conduz o homem, ele se descobre conscientemente no mundo, ser no mundo, fazendo escolhas livres.

O pensamento sartreano teve influências significativas. No século XX, a Filosofia da existência encontrou as idéias da Edmond Husserl (1859-1938) na famosa frase de que toda consciência é sempre consciência de alguma coisa. A fenomenologia de Husserl muito alegrou Sartre porque afirma, com ele, o fundamento da essência. Essa história de algo interior é totalmente descartada por Sartre. Segundo Husserl o Ser do fenômeno é o próprio aparecer, ou seja, o fenômeno não precisa de uma essência fora de si para se sustentar. Se não tiver o aparecer não tem nada. Ele só existe enquanto também existe certa relação da consciência com certo objeto. Tudo se situa fora, as coisas, os sentimentos, as significações. Para Husserl, os fenômenos que aparecem à consciência é que devem ser interrogados. Sua pretensão é superar o dualismo clássico entre *essência* e *aparência*.

Outro pensador que também influenciou Sartre foi Heidegger (1889-1976). Segundo Maciel (1986), ele é o ponto de confluência entre o existencialismo de Kierkegaard e a fenomenolo-

gia de Husserl. Já em Heidegger o homem ganha consciência do seu ser-no-mundo, Sartre vai usar isto quando trata do *em-si* (realidade em si) e do *para-si* (modo específico de estar no mundo) mencionados nos itens 2.4.2 e 3.2.

2.4 A LIBERDADE

A questão da liberdade é ampla, pois a vida é feita de escolhas. Tratando de sujeitos autônomos e responsáveis pela existência, podemos perceber e levar em conta a capacidade de refletir sobre as próprias ações. É aqui que podemos centralizar a importância da liberdade dos homens. Antes de tomar uma decisão, uma reflexão, ponderar as circunstâncias, perceber causas e influências internas e externas, tudo influencia numa tomada de decisão, tudo possibilita para que o sujeito tome uma decisão livre, uma direção acertada. É muito simplória a definição que diz que liberdade é fazer o que quiser. Seria mais prudente defini-la como autonomia e independência de um sujeito no seu intenso vir a ser.

2.4.1 Ser livre segundo Gabriel Marcel

Diferente de várias correntes filosóficas, Marcel, não nega a transcendência do ser. Quando falamos em transcendência, além de falarmos de Deus também expressamos o sujeito que transcende para fora de si, o sujeito do vir a ser como no pensamento sartreano.

Como foi dito acima, no item 2.1, ele professa a fé católica, o cristianismo, e isto o afasta de diversas teorias como a do absurdo. Como nos diz Jolivet (1957), Marcel vai ao encontro das exigências do pensamento cristão de que a filosofia só é verdadeiramente filosofia quando vai desembocar no Mistério do ser. Do ponto de vista teológico, nós fazemos parte no processo da criação de Deus. Somos todos criaturas de Deus e caminhamos juntos de novo para Deus. Somos assim parceiros de Deus. Existe uma íntima relação.

Hoje para a maioria dos homens viver é uma tremenda angústia. Há uma falta de sentido diante da vida e das próprias estruturas criadas pelo próprio homem. Diante dessa situação e de todo momento histórico vivido, Marcel, se agarra na esperança que acredita vir do transcendente. Toda esta questão de transcendência e religião é sinal de divergência com a independência do homem pregada por Sartre.

Liberdade para Marcel é participação no Mistério do ser. Ele tenta superar a nadificação do sujeito muitas vezes apresentada nas ideologias tecnológicas e científicas. Se o ser é Mistério não pode se tornar objeto de investigação, nem de escolha. Diante do Mistério, o homem, simplesmente tem a atitude de acolhimento. No exercício da liberdade o homem pode acolher ou negar seu vínculo ao transcendente. Viver para ele seria um ato de fé. A liberdade é um fazer-se por meio de atos livres. Nestes atos livres me reconheço e contribuo para que eu seja quem sou. A liberdade não mora no futuro, ela é o agora, é real.

Marcel não se inscreve entre os filósofos ocidentais tradicionais por suas teologias. Para ele o fundamental é cada momento; através de cada ato concreto no aqui e agora é que nos formamos e construímos o nosso ser. Não é, pois, um filósofo do projeto como algo jogado para um futuro, seja este projeto pessoal, social ou político. A dramaticidade de cada ato no presente não permite que joguemos para o futuro aquilo que decide nosso ser hoje. (KRONBAUER, 1986, p. 18).

A intersubjetividade é condição para a liberdade já que devo ter plena consciência que estamos ligados, uns aos outros, ao transcendente. Homem e transcendente como foi dito, intimamente ligados; é um ser-com-os-outros, no mundo, dado por Deus. Aqui se encontra uma explicação para a agonia do homem. Se ele corta sua raiz, quando se fecha ao Mistério ele se perde. Quando a humanidade se separa do Transcendente, na concretude da vida, segue a angústia, a náusea, a disposição para o suicídio.

A questão da intersubjetividade, já que a liberdade implica abertura ao outro, está na tomada de consciência de que estamos todos juntos e deveríamos somar forças para viver bem. Essa tal liberdade marceliana nunca é separada da relação com os outros, no mundo e na ligação com o Transcendente. Hoje, o que vemos é o contrário, é um se voltando contra o outro nas relações de domínio e interesses e o projeto de vida pode ser egoísta. Portanto, pode-se dizer que a intersubjetividade tem duas faces. Mas Marcel é otimista, crê na esperança e no engajamento pessoal. Enfim ser livre para Marcel é ser aberto na relação consigo mesmo, com o outro e com Deus. Devo estar livre nas situações no qual estou envolvido.

2.4.2 Sartre: “o homem é livre, o homem é liberdade”

Partindo do pressuposto de que Deus não existe e de que o único ser cuja existência precede a essência seja o homem, Sartre esclarece dizendo que:

O homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida. Se o homem na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se tornar. Assim, não há natureza humana, pois não há um Deus para concebê-la. (SARTRE, 2010, p. 25).

Para Sartre, existência e liberdade são uma mesma coisa, um mesmo projeto. Não se distingue, então, ser-no-mundo de ser livre. Já que o homem está lançado no mundo é o primeiro responsável por tudo o que faz. O filósofo britânico e autor de vários livros sobre Sartre, Gary Cox, faz uma reflexão sobre a liberdade a partir de duas colocações de Sartre em *O Existencialismo é uma humanismo* (2010, p. 33): “o homem está condenado a ser livre” e “o homem é o futuro do homem”, parafraseando Francis Ponge (1889-1988), escritor francês.

Na reflexão de Gary Cox, o *para-si*, que é o próprio sujeito (realidade que se projeta no mundo), está sempre em direção ao futuro já que é um nada no presente. A liberdade do *para-si* está baseada na infinita abertura às possibilidades. Ao se descobrir no mundo percebe que o mundo possui estruturas determinadas, prontas, ou seja, tem uma ordem e que só ele dentro deste mundo pode optar, pois, não tem destino fixado. A única certeza é de que um dia não estará mais no mundo e que estando ou não, não fará diferença alguma. O *para-si* está sempre afirmando que não está pronto, acabado.

O existente está sempre se projetando, se lançando para o futuro, para o novo, mesmo diante das dificuldades, fragilidades e tantas outras coisas que podem podá-lo. A Palavra superação é o que o adjetiva. Nunca estará livre da liberdade de escolher.

Em *O Existencialismo é um Humanismo*, Sartre dá o exemplo do processo de escolhas e dá o exemplo de um covarde:

Uma das críticas mais comuns a *Caminhos da liberdade* é a seguinte: “Mas afinal, essas pessoas são tão frouxas, como é que você vai transformá-las em heróis? Tal objeção presta-se mais a fazer rir, pois ela supõe que as pessoas nascem heróis; e, no fundo, é isso que as pessoas gostariam de pensar: se você nasce covarde, você estará perfeitamente sossegado, pois não poderá fazer nada em relação a isso, você será assim a vida inteira, não importa o que faça; se você nasce herói igualmente poderá ficar tranquilo, pois será herói a vida inteira, vai beber como um herói, comer como um herói. Já o existencialista diz que o covarde se faz covarde, e o herói se faz herói. Existe sempre uma possibilidade para o covarde deixar de ser covarde e para o herói deixar de ser herói. (SARTRE, 2010, p. 44-45)

O exemplo vem novamente afirmar, com Sartre, que não há uma natureza humana, uma essência determinante, mas sim condições concretas com as quais nos deparamos e onde a liberdade se efetiva. A única determinação é a liberdade devido ao fato de o homem não poder deixar de ser livre. Afirma que a realidade humana é livre porque está perpetuamente desprendida de si mesma, e que aquilo que foi está separado por um nada daquilo que é e daquilo que será. *O homem está condenado à liberdade.*

O homem é livre porque não é si mesmo, mas presença a si. O Ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade-humana a fazer-se em vez de ser. Como vimos, para a realidade humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, ou tampouco de dentro, que ela possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonada sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se até o mínimo detalhe. Assim a liberdade não é um ser; É o ser do homem., ou seja, seu nada de ser. Se começássemos por conceber o homem como algo pleno, seria absurdo procurar nele depois momentos ou regiões psíquicas em que fosse livre: daria no mesmo buscar o vazio em um recipiente que previamente preenchemos até a borda. O homem não poderia ser ora livre, ora escravo: é inteiramente e sempre livre, ou não o é. (SARTRE, 1997, p. 545).

Se para Sartre ser livre é poder escolher-se, para isto é preciso ser consciente para escolher, e é preciso escolher para ser consciente. Escolha e consciência seriam uma só e mesma coisa para ele.

3 AS RELAÇÕES CONCRETAS COM O OUTRO

Hoje nossa realidade é permeada pela violência social e pela exclusão. Não raro, nos jornais de grande circulação as notícias sobre assaltos, seqüestros fazem crescer a insegurança e espalham o medo. O *Outro* é sempre visto como um possível inimigo já que pelas várias situações fica difícil confiar em alguém.

O Papa Francisco, em sua visita ao Brasil em julho deste ano na ocasião da Jornada Mundial da Juventude (JMJ/2013), insistiu em vários momentos na promoção da *cultura do encontro*. Na homilia da missa com os Bispos, sacerdotes, religiosos e seminaristas na Catedral de São Sebastião ele disse:

Neste humanismo econômico que foi imposto a nós no mundo, abriu-se passagem para uma cultura da exclusão, uma cultura do descarte (...). Às vezes parece que, para alguns, as relações humanas estão reguladas por dois dogmas: eficiência e pragmatismo. (FRANCISCO, 2013, p. 74)

O líder da Igreja Católica chama a atenção ao relacionamento utilitarista da nossa humanidade, onde quem não produz e não é dinâmico, principalmente no mercado de trabalho, e quem não tem nada a oferecer ao outro corre o risco da indiferença. Ainda em outro discurso, agora a classe dirigente do Brasil, disse:

O outro sempre tem algo que me dar quando sabemos nos aproximar dele com atitude aberta e disponível, sem preconceitos. Esta atitude aberta, disponível e sem preconceitos, eu a definiria como humildade social, que é a que favorece o diálogo. (FRANCISCO, 2013, p. 83).

Com boas ponderações sobre a realidade vamos perceber como os pensamentos de Sartre e Marcel percebem esse processo de relacionar-se.

3.1 O EU E O OUTRO EM GABRIEL MARCEL

Para Marcel o sujeito, o *Eu*, não é corpo biológico como já no capítulo dois, não é perna, não é nariz, mas sim uma presença total diante do *Outro*. Mas ¿*quién soy yo?* Imagine uma pessoa que pede a outra que diga algo sobre si. Partiremos da frase: *Tu que me conoces mejor que yo mismo, tu debes poder decirme si realmente soy um egoísta, um ser sin corazón*. Este trecho é do

próprio Marcel que prefere os exemplos práticos e lança um problema, a partir da frase, conforme a citação abaixo:

He buscado a outro al que creo capaz de prestarme ayuda, pero he sido yo quien le há esgogido, de manera que soy yo quien decide que el posee las cualidades requeridas para aclararme. Así pues, la dificultad preedente se mantiene aqui, puesto que soy yo mismo quien confiere la autoridad al amigo em quien confio para que me diga quien soy. (MARCEL, 2002, p. 142)

Marcel, para exemplificar, conta a história de uma pessoa que escolhe um amigo para qualificá-la, ou seja, há um *Eu* que se dirige a um *Outro*, que dirá ao *Eu* o que se quer ouvir. A resposta nesse caso é bem tendenciosa e Marcel chama a atenção para estas questões relacionais, pois, pode-se dizer a verdade, às vezes raras, ou posso apenas dizer algo para agradar. Mas, a resposta à pergunta *¿quién soy yo?* Está nas mãos de quem? Tem muita profundidade tal questionamento e a resposta não deve ser deixada nas mãos do *Outro*, este pode apenas auxiliar.

O *Outro*, para Marcel, não deve ser olhado como simples objeto julgado pelos que o cercam, mas deve ser encarado como um sujeito livre. Sobre a objetivação do *Outro* uma ilustração de um momento da vida de Marcel:

Marcel estava encarregado da pesquisa do destino de soldados desaparecidos. Defrontou-se, diariamente, com mães, noivas, enfim, com pessoas, que viviam apreensivas e angustiadas, que sofriam. O encontro coma morte, sob múltiplas formas, o levou à experiência da transcendência. Experimentou o que transcende os dados objetivos do registro, em fichários, o que é acessível no silêncio, o que só se revela na relação pessoal de homem a homem. Descobriu que, para além da objetividade, a pessoa pode tornar-se *presença*. Tal realidade não se pode constatar de fora. A presença não se deve pensar como objeto. (ZILLES, 1995, p. 66).

A *presença* é um modo de *ser-com*, é uma presença intersubjetiva onde participo com o outro, seja um momento prezeiroso ou uma doença, mas de forma bem pessoal. Para Marcel, o *Outro* é o termômetro para que consigamos nos compreender. O valor que há em mim só é reconhecido a partir do momento em que o *Outro* os vê em mim.

Marcel sempre encontra um exemplo para uma chamada de atenção na questão da alteridade. Vejamos:

En el curso de un paseo por el campo acompañado por un amigo le cuento que me siento cansado; mi amigo me mira sin creer-me, pues el se siente em plena forma. Le respondo, no sin cierta energia que el no está dentro de mi y que por tanto no puede saber lo

que yo siento. No le queda outro remédio que aceptar mi palabra, aunque siempre le quedará el recurso de pretender que doy demasiado importancia a mis sensaciones y que si fuera el quien las padeciera haría abstracción de ellas. (MARCEL, 2002, p. 10).

3.2 O EU E O OUTRO EM SARTRE

Em Sartre o *Outro* é aquele que, obviamente, não sou *Eu* e para quem sou objeto. Melhor, sou para o *Outro* ao mesmo tempo ser e objeto (sujeito-objeto). Esta é uma relação de reciprocidade constituída de muito conflito no qual o homem sente receio de perder sua liberdade sendo apreendido pelo *Outro*. Pode-se agir como se o *Outro* fosse um objeto, mas nunca ele será impedido de se revelar como sujeito. A grande questão é que quando nos relacionamos há uma reação recíproca. Segundo Melo (2003) o problema estaria no olhar daquele que me fita, que *temporaliza e espacializa*. Espaço e tempo não são os pressupostos para que um objeto exista? Sim, esta é uma simples característica do *em-si*, fechado em si mesmo como uma pedra, é o que é. Já o *para-si* se projeta para o futuro, está em plena atividade no tempo, por isso, Sartre chama de *má-fé* a atitude de um sujeito que finge ser objeto para o outro.

Sartre em seus escritos em *O Ser e o Nada* dá diversos exemplos concretos do encontro do *Eu* com o *Outro*, por exemplo: um *Eu* que vê *Outro* em um parque que está sempre vazio; uma pessoa que procura a alegria da solidão na mata e que fica irritada quando outra pessoa surge e evita que ela brinque de Deus; uma pessoa que é espionada pelo buraco da fechadura. Sartre quer com estes exemplos mostrar a relação sujeito-objeto, porque para o *Eu* o *Outro* pode se tornar, sim, um objeto ao lado de tantos outros objetos, mas quando o *Eu* experimenta não ser o único ponto de vista a julgar o mundo e se vê objeto olhado como tantos objetos, deve aceitar que o *Outro* é também sujeito.

Podemos retomar na citação acima, no item 2.3, no constrangimento da infância de Sartre. Um sujeito ao ser observado fica embaraçado e desconfiado. A questão do relacionar-se perigosamente é forte em Sartre, pois, sua fama é de caracterizar as relações interpessoais conflitantes, uma luta pelo poder. Veremos no capítulo cinco a reflexão de sua obra, *Entre quatro paredes*.

Mas não vamos nos ater numa característica só pessimista de Sartre. Como já foi dito, o existente é o ser de possibilidades, de escolhas e que não tem garantia de uma essência que lhe permita aportar, e pegando um gancho no tema da má-fé podemos perceber como é angustiante para o sujeito esta responsabilidade em ter que fazer escolhas. Se são escolhas, então posso escolher mal. Quando se foge dessa responsabilidade de escolher abre-se mão da capacidade de agir

conscientemente. Uma pessoa usa da *má-fé* quando deixa que outros tomem decisões em seu lugar, mas ao fazer isto, não se exime de sua responsabilidade porque mostrou ser sujeito fingindo ser objeto para fugir de algum tipo de responsabilidade. A mentira é para si mesmo e não para o outro. Teve a oportunidade de escolher e não fez por mero querer. O *para-si* jamais consegue ficar livre das suas próprias responsabilidades.

Em *O Existencialismo é um Humanismo*, Sartre chama a atenção para uma escolha individual. Para ele minha escolha envolve toda a humanidade. O agir de uma pessoa não compromete apenas a si mesma, pois serve como exemplo para outras pessoas. A escolha é sempre pessoal sendo que o *Outro* também participa, mas de forma indireta. Vejamos um exemplo simples:

E se eu quero algo mais individual, casar-me, ter filhos, embora este casamento dependa unicamente de minha situação, ou de minha paixão, ou de meu desejo, com isso estou envolvendo não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade na prática da monogamia. (SARTRE, 2010, p. 28).

A relação intersubjetiva em *O Existencialismo é um Humanismo* não parece ser tão negativa. Fala-nos da reciprocidade dessas relações⁵, da necessidade da presença do *Outro*. O seu caráter positivo se encontra nos conceitos de: compromisso e engajamento. Estes são como que uma regra de vida por envolver toda a humanidade. Aqui estaria um ponto de convergência entre os cristãos e os não cristãos, pois todos pensam, em primeiro lugar, nas melhores condições de vida para o ser humano. Sartre procura desfazer o equívoco dos que pensam que os existencialistas são anarquistas por pregarem fazer o que bem entendem. Não é bem assim, pois, a afirmação “você pode escolher o que bem entender não é exata (...) eu sempre posso escolher, mas tenho que saber o que escolho, isto também é uma escolha.” (SARTRE, 2010, p. 51). A humanidade é organizada, possui valores onde o sujeito deve estar engajado e não deve agir apenas por caprichos de sua vontade. O homem, na perspectiva existencialista, é *criador, inventor e responsável*. Portanto, estamos falando da relação entre sujeitos comprometidos entre si que são lançados ao processo de transformação constante de sua realidade, que é realidade também do *Outro*.

⁵ A reciprocidade para Melo (2013), segundo Sartre, é a relação entre o *para-si* e o *Outro* que supõe consciências de liberdade, autônomas, em si mesmas responsáveis por seus projetos, obrigadas pela mesma condição humana de serem uma para a outra meio de desvelamento da verdade de si e do universo.

4 HOMO VIATOR, YO Y EL OUTRO

A conferência *Yo y el Outro*, foi escrita por Marcel em Le Peuch (sul da França), em novembro de 1941 e pronunciada no Instituto Superior de Pedagogia de Lyon (centro-leste da França, entre Paris e Marselha) em 13 de dezembro de 1943. Marcel parte de dois exemplos, utiliza-se da psicologia infantil, ou seja, do comportamento de crianças para demonstrar como isso se dá nos indivíduos também adultos.

O primeiro exemplo utilizado, por Marcel, é de um menino que leva até sua mãe umas flores que recolheu no campo. “*!Mira - dice - , soy yo quien lãs há recogido!(...)no vayas a creer, sobre todo, que há sido mi niñera o mi hermana; soy yo, nadie más.*” (MARCEL, 2005, p. 25). O menino trás para si todo o mérito de ter recolhido as flores e pretende atrair para si toda a atenção quando as oferece à mãe, se oferece ao *Outro*, para receber alguma coisa em troca. No caso deste menino poderia querer receber elogios.

Marcel, com este exemplo, quer tocar num ponto chave na relação do *Eu* com o *Outro*, que é a relação de troca. Quando me exalto pelas minhas ações, busco no *Outro* a confirmação destas ações bem sucedidas. Os meus méritos vão ser, então, exaltados pelo outro, por meio de elogios, por exemplo. Apresenta um perigo, a espera de uma confirmação admirada, do *Outro*, que me exalte e que me dê satisfação. Marcel diz que o *Outro* é *como caja de resonância y como amplificador* e o *Eu* como *centro de imantación*⁶. Quando ele diz caixa de ressonância compara o sujeito a um instrumento musical. Por exemplo, a caixa de ar existente num violão e outros afins servem para reforçar o som produzido pelas cordas vibrantes, ou seja, aumentar a intensidade sonora, sendo assim, o *Outro*, então, seria como um instrumento que reforça em mim o que sou. Quanto à comparação do sujeito a um campo magnético é para dizer que ele capta tudo aquilo que está a sua volta, tudo, de certa forma contribuiu para a existência, sofre, sem querer, influências. Também convém lembrar os termos porosidade e permeabilidade também usados por Marcel. Estes termos dizem respeito à capacidade do *viator* de se relacionar com o mundo e com os outros.

⁶ José André de Azevedo em seu artigo, diz que a presença orgânico-psíquica do corpo é o centro de referência de toda órbita existencial ou, numa analogia, o campo magnético em que gravitam todas as coisas. Isso implica que não somos autônomos, não estamos limitados a nós mesmos, num eterno solipsismo, mas sim, somos permeáveis às demais coisas. (AZEVEDO, 2010).

Marcel trabalha um pouco com a velha pergunta *quem eu sou?* (É preciso sempre recordar a ideia de Marcel de que sou uma existência encarnada). Ele afirma que o sujeito não está no mundo isento de dores e sofrimentos. Vive entre angustias. E Marcel é certo em afirmar “*que no puedo afirmar nada de mí mesmo que sea autenticamente yo mismo; nada que sea permanente, nada que esté fuera del alcance de la crítica y de la duración.*” (MARCEL, 2005, p. 28). Há nestas reflexões paradoxos, conflitos. Se o homem busca ser autêntico dando sentido e significado a sua existência, há por outro lado uma necessidade da confirmação externa. Existe uma preocupação com os outros e, sendo assim pode-se concluir que está preocupado mais consigo mesmo. Muitas vezes o *Outro* é importante na medida em que é capaz de perceber a imagem que me interessa, quando o *Outro* fala de mim o que quero ouvir. Também Marcel aponta para a fragilidade daqueles que tentam apenas manter uma pose, algo artificial, irreal, inautêntico. Aqueles que tentam manter a pose simulam. Fingem para agradar alguém, fingem para conseguir algo e, no fundo, engana-se a si próprio. Sendo assim:

A partir Del momento en el que me preocupo del afecto que hay que producir sobre el otro, todos mis actos, todas mis palabras, todas mis actudes pierden su autenticidad; y todos sabemos lo que pude ser incluso una simplicidad estudiada o fingida. (MARCEL, 2005, p. 29).

Se retomarmos a comparação que Marcel faz a caixa de ressonância ou amplificador podemos, com ele, advertir quanto ao trato do *Outro* como objeto de possível manipulação, que está a minha disposição

Vamos a outro exemplo: um pequeno desconhecido estende a mão para pegar uma bola caída ao chão e o dono ao ver a cena rapidamente corre furioso ao encontro do objeto de sua propriedade. *Esta pelota es mia*, ou seja, proibido tocar. Aqui Marcel quer tocar na experiência de propriedade, da posse: “*yo, aquí presente, poseo esta pelota; quizá conseguiré en prestártela durante uns instantes.*” (MARCEL, 2005, p. 27).

Marcel lança uma pergunta: “*¿ en qué condiciones tomo consciencia de mí como yo mismo?*” (MARCEL, 2005, p. 30). Para ele as condições sociais são essenciais. Chama a atenção para o tipo relação existente no mundo contemporâneo que é a da competição, a qual o sujeito está submetido. Este tipo de atitude incita a comparação com o *Outro*, o recebimento de uma nota, uma classificação a respeito do outro. Isto torna o *Eu* o mais importante e a busca de não ser

comparável é desastroso. Marcel chama de culto do *Eu*. Corre-se o risco de considerar o *Outro* como uma máquina que tento descobrir o funcionamento.

O autor de *Yo y el Otro* critica a egolatria ou a idolatria do *Eu*, critica àqueles que se consideram o centro do universo e encaram os outros como sendo obstáculos à superar ou evitar. Classifica como egocentrismo moral. Marcel é contra as doutrinas racionalistas, pois antes de um *ser pensante* somos existência, real e concreta, inserida no mundo. Por isso, recomenda que não se permaneça na ordem do abstrato, porque se corre o risco de ficar preso à palavras. Marcel pressa pela singularidade do existente e sua dimensão sagrada.

Nada puede ser más importante clarificar que el conocimiento de un ser individual no es separable del acto de amor o de caridad por el cual este ser se establece en lo que lo constituye como criatura única, o si quiere, como imagen de Dios: esta expresión tomada Del lenguaje religioso es, sin duda, la que traduce con más exactitud la verdad que tengo en cuenta ahora mismo. (MARCEL, 2005, p. 36).

Marcel diz que o *Eu* se afirma como pessoa na medida em que assume com responsabilidade seus atos, se comporta de forma autêntica, participa da sociedade, considera e respeita o *Outro*. Ele crê na estrutura *persona-compromiso-comunidad-realidad*.

Em diversas situações o *Eu* e o *Outro* se esbarram. Marcel utiliza o termo presença para designar os encontros entre os sujeitos. Porém, para ele presença significa muito mais do que *estar-aí*, pois, possuímos objetos diante de nós, mas nunca poderemos dizer que estão presentes. Podemos dizer que presença e experiência, para Marcel, são sinônimos. Passemos para um outro exemplo dado por Marcel:

Yo me siento decepcionado por la conducta de alguien que yo amaba. Me veo impulsado a revisar mi juicio sobre este amigo. Parece que debo reconocer que él no es como yo creía. Pero puede ocurrir que mi reflexión no se detenga en esse punto. Un recuerdo aparece em mi memoria: El recuerdo de un acto yo realicé hace mucho tiempo y entonces me interrogo; ¿era aquel acto em realidad tan diferente Del que me siento inclinado a juzgar ahora con tanta severidad? Pero ¿entonces estoy cualificado para condenar al otro? He aquí que mi reflexión me pone a mi mismo en cuestión. (MARCEL, 2002, p. 81)

5 ENTRE QUATRO PAREDES

Entre Quatro Paredes apresenta de forma intensa a relação entre o *Eu* e o *Outro* a partir da perspectiva sartreana. Foi através do teatro que Sartre também expressou seu pensamento e refletiu suas concepções filosóficas. A peça foi publicada em março de 1944 na revista *L'Arbalète* que chamou a atenção do diretor do Théâtre Vieux-Colombier, Badel. *Entre Quatro Paredes* foi escrita para a interpretação de duas amigas, fez sucesso, se tornou livro e é deste trabalho que uma das mais famosas frases de Sartre ganha destaque: “o inferno são os outros”.

A palavra inferno tem muito peso e essa qualificação é transportada para a pessoa do *Outro*, o que gera perguntas que poderemos tratar e desenvolver analisando a obra. De que maneira o *Outro* se torna um inferno para o *Eu*? Já preparados com alguns conceitos explanados anteriormente, vamos buscar nas ilustrações, ou seja, a partir dos personagens as repostas ou pistas para a dialética humana de *ser-com-o-outro*.

A ação da peça desenrola-se no “inferno”, um salão decorado no estilo Segundo Império, com três poltronas e uma estátua de bronze sobre a lareira. O primeiro a entrar neste ambiente, conduzido por um criado, é Joseph Garcin, um publicitário. Inês Serrano, segunda a entrar em cena, funcionária dos Correios e lésbica. Por fim, Estelle Rigault, mulher da alta sociedade e de personalidade frágil. No mesmo ambiente, enclausurados e condenados à vida em comum não demoram muito tornar a convivência verdadeiramente insuportável.

O ambiente que os personagens estavam já foi descrito, mas observa-se a inexistência de espelho. Garcin já constata essa ausência já na primeira cena ao fitar o local e reclamar a falta de algumas coisas. Tudo o que lá existe não permite a reflexão de imagem. Na cena três aparece Inês que julga ser Garcin, um carrasco. “A senhora entrou, olhou para mim e pensou: é o carrasco” (SARTRE, 1977), disse Garcin. Inês ao fitar Garcin percebe de alguma forma que ele é um grande medroso. Será que ele realmente é um medroso? Seria um reflexo com o encontro com Inês? Vejamos um trecho do diálogo da cena três:

Inês: “O senhor é o carrasco?”

Garcin: “Me diga como é que se reconhece os carrascos?”

Inês: “Tem cara de quem tem medo”.

Garcin: “Medo? É esquisitíssimo? Medo de quem? De suas vítimas?”

Inês: “Ora! Sei bem o que estou dizendo. Olhei no espelho.” (SARTRE, 1977, p. 20).

O que quer dizer Inês quando diz ter olhado no espelho? O espelho serve como uma metáfora para a questão da reflexão, que para Sartre é o movimento da consciência de voltar-se para si. O espelho remete a este ato de posicionar a mim mesmo em imagem, já que o meu rosto pertence ao mundo e não há mim. É somente diante do espelho que tenho acesso a ele. Da mesma maneira, o olhar do outro reflete minha existência objetiva e se não consigo refletir por mim, preciso que alguém o faça. Podemos deduzir que, a partir da citação acima, que Inês é o carrasco da história, ou melhor, o carrasco de Garcin, pois, é ela que o desmascara. Inês tem a postura de um “espelho crítico”.

Na cena cinco após vários diálogos entre os personagens chegam a conclusão que estão mortos e há uma constatação interessante na fala de Estelle: “Quando não me vejo, por mais que eu me apalpe, fico na dúvida se existo mesmo de verdade.” (SARTRE, 1977, p. 44). Olhar no espelho é uma forma de se perceber e também julgar a si mesmo. A falta do objeto obriga apenas a aceitar o que o outro me diz. Com o objeto posso confrontar a opinião do outro com as minhas. Da incapacidade de poder se ver num espelho nasce o confronto proposto por Sartre que, na cena cinco, com a frase de Inês dirigida a Estelle, “Quer que eu lhe sirva de espelho?” (SARTRE, 1977, p. 45), sugere que o outro se torna agora espelho.

No *Entre quatro paredes* Estelle precisa do olhar de Garcin para manter sua imagem de bela e desejável. Garcin precisa do olhar de Inês para se justificar de sua covardia e Inês precisa do olhar amedrontado dos outros dois para manter sua escolha de tentar controlá-los. Porém, ao mesmo tempo, em que desejam esse olhar, a ponto de Garcin desistir de sair da sala por causa de Inês, este mesmo olhar é o inferno para cada um deles.

Pois bem, os personagens querem saber o porquê de estarem juntos já que nunca se viram, não tinham nenhum vínculo. Esperavam encontrar naquele lugar, familiares, por exemplo. Mas o autor propositalmente promove o encontro num ambiente sem possibilidades de fugas entre ambos. São obrigados a conviver e neste processo não conseguem escapar um do outro nem fingir ser alguém diferente do que é, ou seja, não seria possível encarar um personagem ali por muito tempo. É assim que rapidamente podemos concluir que o outro, nu perante o outro, se encontra frente a um espelho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo quando começamos a pesquisa e desenvolvendo o assunto sobre a existência, nos deparamos com o sujeito ligado ao seu tempo histórico e por ele influenciado, passando por inúmeras questões no seu “peregrinar”. Tomada de decisões, falta de sentido para a vida e muita ansiedade são problemas bem próprios do nosso século, porém também experimentados em outros tempos. Com Marcel e Sartre buscamos perceber que o sujeito presente no mundo se encontra com inúmeros outros sujeitos, presentes no mesmo mundo e que através do olhar se revelam. Por isso, faz-se necessário o ato do encontro, o do *Eu* com o *Outro*.

No processo do relacionar nossos filósofos fizeram ponderações interessantíssimas a esse respeito mesmo com pontos de vista muitas vezes distantes. Se existir é um processo de vir a ser, vejamos: para Sartre transcender é ser aquilo que não é, é superar os limites da facticidade, é assim o *para-si*. Como exemplo bem prático podemos dizer que uma pessoa que nasce pobre vai querer, obviamente, deixar de sê-lo. Sartre coloca cada um responsável por seu vir a ser e, muitas vezes, percebe num outro sujeito um limite para que eu me realize. Essa é uma visão pessimista do pensamento sartreano e que tem destaque, mas não se deve esquecer que ele inclui o homem num projeto comum a todos os homens e que sua liberdade está dentro de um *ethos*.

Não buscamos isentar as inúmeras dificuldades na relação entre os existentes que pode vir a ser mesmo um “inferno”. A busca de sentido e realização obriga o homem a ser ele mesmo e em Sartre e Marcel podemos considerar um problema quando o *Eu* e o *Outro* não se relacionam de forma transparente.

Marcel sempre chama a atenção para o cuidado de não nos tornarmos dependentes do *Outro*, de não esperar elogios e outras coisas mais. Querendo ou não usamos o outro de amplificador daquilo que temos de positivo e queremos que apareça. Lembremos dos pequenos exemplos que temos no corpo deste trabalho tirado dos escritos de Marcel. Agora, porque não retomar um diálogo do *Entre quatro Paredes* onde Garcín clama à Estelle amor.

Você está aí? Pois bem, escute-me. Você vai me fazer um favor. Não, não diga que não. Sei que você há de achar esquisito que se possa pedir um favor a você; você não está habituada a isso. Mas se você quisesse, fizesse um esforço, nós poderíamos nos amar de verdade. Veja só: são mil a repetir que sou um covarde. Mas o que são mil? Se houvesse uma alma, uma só, que afirmasse, com todas as suas forças, que eu não fugi, que eu não posso ter fugido, que eu tenho coragem, que sou um sujeito direito, tenho...tenho certeza

de que me salvaria. Acredite em mim. Eu ficaria gostando mais de você do que de mim mesmo. (SARTRE, 1977, p. 86)

Precisamos mesmo ter um aval de outro para sermos nós mesmos? É claro que não. Mas com Sartre podemos afirmar que muitas vezes somos covardes e agimos de *má-fé* conosco mesmos e mentimos para os outros. Lembrando que o sujeito mente para si próprio, tentando escapar de suas próprias responsabilidades. A *má-fé* é uma mentira, pois *dissimula a total liberdade do engajamento*. Àquele que foge de si mesmo pode representar em toda sua existência uma peça de teatro.

Outra perspectiva analisada nesta pesquisa foi à questão de um Deus religioso. Sartre não afirma ou nega existência de um Deus, mas prefere ser contra uma visão de um Deus que cria o homem e têm para ele um projeto. Nega uma essência que determina a nossa vida. Para Sartre cada um é o que projeta ser. Já Marcel, crê sim num Deus cristão ao qual estamos todos ligados e somos participantes de um projeto comum.

Vários pontos do trabalho permitem ponderar o valor da relação interpessoal sadia, crendo ou não em um Mistério. Não há também como negar olhares que se encontram e relacionamentos verdadeiros, como, por outro lado, uma convivência perversa e maldosa. Há aqueles que estão próximos e não se fazem próximos, como há aqueles que se fazem presentes mesmo na ausência. Marcel prefere uma relação de *presença*, valoriza as palavras amor e esperança, talvez raros em nossa sociedade, pois:

Conforme todos sabem, existem mil e um tipos de relacionamentos que recebem a denominação de amor: não precisamos fazer uma lista de todas as confusões deste sentimento com impulsos sentimentais, e de todos os motivos edipianos que surgem nas canções e no cinema. Palavra alguma é usada com maior variedade de significados, a maioria dos quais desonestos, pois encobrem os verdadeiros motivos do relacionamento. Mas há bastante sérios e autênticos....(MAY, 2012, p. 195)

Apesar de tudo o que foi dito somos colocados diante de dois mistérios que são o *Eu* e o *Outro* e é importante ressaltar o que Sartre afirma de que o *Outro* não é *para-si* do modo que se aparece, e eu não apareço a mim como sou *para-o-Outro*. Ou seja, o que sou para mim, como consciência de mim mesmo, não apareço ao outro como tal e o outro, por sua vez, enquanto *para-si*, consciência de si mesmo, não se revela a mim da mesma forma. Em outras palavras, eu não consigo manifestar a visão que tenho de mim mesmo ao outro e este, por outro lado, também não consegue transmitir para mim aquilo que é para si mesmo. Podemos concluir que por mais que

nos relacionamos e tomados consciência do nosso existir a partir do outro, não conseguimos conhecermos uns aos outros em absoluta profundidade.

Se para Kierkegaard a angústia e o *pecado original* são inseparáveis podemos dizer com Sartre e com Marcel que o *pecado original* é a existência do *Outro*, ou seja, eu não escolho me relacionar, o contato com o *Outro* é parte da minha condição humana.

REFERÊNCIAS

- ALCORLO, Juan Daniel. Presentación. In: MARCEL, Gabriel. **Homo Viator**. Prolegómenos a uma metafísica de la esperanza. Tradução María José de Torres. Salamanca: Sígueme, 2005.
- AZEVEDO, José André de. O mistério da encarnação em Gabriel Marcel. **Revista Argumentos**, Ceará, v.2, n.4, 2010.
- COLIN, Pierre. Epílogo. In: MARCEL, Gabriel. **Homo Viator**. Prolegómenos a uma metafísica de la esperanza. Tradução María José de Torres. Salamanca: Sígueme, 2005.
- COX, Gary. **Compreender Sartre**. Petrópolis: Vozes, 2007. (Compreender).
- FUENTES REQUENA. Pseudônimos, angústias e rupturas. **Revista Conhecimento Prático de Filosofia**, São Paulo, n.41, p. 28, 2013.
- JOLIVET, Régis. **As doutrinas existencialistas**. De Kierkegaard a Sartre. Tradução Antônio de Querós Vasconcelos e Lancaster. Porto: Tavares Martins, 1957.
- KRONBAUER, Luiz Gilberto. Ser Livre segundo Gabriel Marcel. **Revista Veritas**, Porto Alegre, n. 121, p. 15-26, 1986.
- MACIEL, Luiz Carlos. **Sartre: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- MARCEL, Gabriel. **Homo Viator**. Prolegómenos a uma metafísica de la esperanza. Tradução María José de Torres. Salamanca: Sígueme, 2005.
- MARCEL, Gabriel. **Obras selectas: el misterio del ser; el dardo; la sed; la señal de la cruz**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002. v. 1.
- MAY, Rollo. **O homem à procura de si mesmo**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- FRANCISCO, Papa. **Palavras do Papa Francisco no Brasil: homilias**. Paulinas: São Paulo, 2013.
- MELO, Nélio Vieira de. **A escolha de si como escolha do outro: liberdade e alteridade em Sartre**. Recife: INSAF, 2003.
- OLIVEIRA, Hercília Anastasia Cardoso de. Ansiedade. **Revista RioSport**, Rio de Janeiro, v.6, n.19, ago./nov. 2012.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt**. São Paulo: Paulus, 2006. v. 6.
- SARTRE, Jean-Paul. **Entre quatro paredes**. São Paulo: Abril Cultural, 1977. (Teatro Vivo).

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1977.

TERRA, João E. Martins. O existencialismo e o problema de Deus. **Revista Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.3, n.6, p. 7-28, jan./jun. 1972.

ZILLES, Urbano. **Gabriel Marcel e o Existencialismo**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.